

**Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESP-SP)**  
Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação (FBCI)

Raissa Malavasi Kojima

**Fim da contracultura e do gosto de morangos mofados.**

São Paulo  
2017

RAISSA MALAVASI KOJIMA

**Fim da contracultura e do gosto de morangos mofados.**

Trabalho temática apresentado para as disciplinas do 1º Semestre do curso de graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

São Paulo

2017

## RESUMO

O trabalho apresentado tem como foco o livro “Morangos mofados” de Caio Fernando Abreu. Analisaremos o último conto desta coletânea, que dá nome ao livro, com o contexto histórico em que foi escrito. Faremos uma comparação entre o personagem principal do conto escolhido e, como por meio dele, é retratado o sentimento de término da contracultura, utilizando textos acadêmicos e da época sociocultural debatida. Primeiro contextualizaremos os aspectos do que foi a contracultura, o desbunde no Brasil, para depois analisarmos o impacto que esse movimento deixou na sociedade e nos jovens que fizeram parte dele, resultando num momento histórico de ideais utópicos, passando pela desilusão e terminando na esperança de poder sonhar de novo.

**Palavras-chave:** Morangos mofados. Contos. Caio Fernando Abreu. Contracultura. Desbunde. Juventude. Utopia. Sonho.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>5</b>
<b>2</b>	<b>CONTRACULTURA.....</b>	<b>6</b>
<b>2.1</b>	<b>Sonhos utópicos.....</b>	<b>6</b>
<b>2.2</b>	<b>Desbunde: a contracultura brasileira.....</b>	<b>7</b>
<b>3</b>	<b>ANOS 70: O FIM DAS ILUSÕES.....</b>	<b>8</b>
<b>4</b>	<b>RECOMEÇO DOS SONHOS.....</b>	<b>10</b>
	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>12</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>13</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Caio Fernando Abreu é considerado um escritor que retratou seu tempo por meio de sua escrita. Seu livro mais conhecido é “Morangos mofados” que foi publicado em 1982. É uma coletânea de contos divididos em três partes: a primeira intitulada “O mofo”, seguida da parte intitulada “Os morangos” e terminada com a terceira parte composta apenas por um único conto, de título homônimo a obra.

Este livro gira em torno do tema do fim da contracultura. Assim, Morangos tem como foco o final desse movimento idealizador, além de outras temáticas que estavam em voga na época. Ao lermos o último conto do livro, temos a síntese do sentimento de uma geração de jovens que cresceu acreditando nas utopias da contracultura e que se viu adentrando a década de 1970 sem que esses ideais perdurassem, simbolizado pelo gosto de morangos mofados na boca. “O livro síntese de uma geração que se despedia definitivamente e nostalgicamente da utopia hippie e ainda não estava preparada para a distopia yuppie que viria a seguir” (O Estado de São Paulo, 1998, apud SANTOS; PINTO, 2007, p. 3363).

Assim, temos como objetivo desse trabalho relacionar a trajetória do personagem principal do conto “Morangos mofados” com o fim de uma época de sonhos que se tornaram ilusões. O conto analisado tem uma estrutura de difícil entendimento, como explica Porto (2005, p. 128):

“Desde o início do conto, há marcas de uma fragmentação formal, pois os personagens não são apresentados, não há identificação clara de quem é o narrador, nem sempre é possível definir as vozes que falam, não há uma seqüência lógica na exposição dos fatos, o relato não segue os princípios de início, meio e fim, alguns discursos são fechados sem conclusão de idéias. Todos esses traços confundem o leitor, deixando-o perplexo diante da estrutura e forma narrativas do conto 'Morangos mofados'”.

Com isso, utilizaremos fragmentos do texto para melhor exemplificar as comparações realizadas. Na primeira parte, focaremos em entender o que foi esse movimento revolucionário e seus ideais. Já na segunda parte do trabalho, apontaremos as desilusões causadas pela contracultura, que mesmo tendo desfeito tantos sonhos, ainda persiste uma viva esperança de um novo recomeço.

## 2 CONTRACULTURA

Pereira ([198-?], p. 14) coloca como uma das possíveis definições da contracultura “como um fenômeno histórico concreto e particular, cuja origem pode ser localizada nos anos 60” e é nesse recorte temporal que nos focaremos a respeito do movimento revolucionário chamado contracultura.

## 2.1 Sonhos utópicos

Se levarmos em conta que o tempo em que se passa o conto é o mesmo de quando ele foi publicado, ou seja, no começo dos anos 80, o protagonista do conto “Morangos mofados”, que tem seus trinta e poucos anos, foi então um jovem adolescente dos anos 60 e viveu a contracultura, como relembra na passagem:

[...] onde estão todos vocês, caralho, onde as comunidades rurais, os nirvanas sem pedágio, o ácido em todas as caixas-d'água de todas as cidades, o azul dos azulejos começando a brilhar, maya, samsara, que às vezes voltava. (ABREU, 2015, p. 207)

Contracultura foi um termo usado para denominar o movimento que tinha como objetivo se desligar da cultura vigente ocidental na década de 1960. Obteve maior destaque na cultura dos Estados Unidos da América onde seus adeptos eram contra tudo que se relacionava ao já estabelecido *american way of life*. Uma das vertentes que inspiraram o movimento foi a chamada Geração Beat, composta por um grupo de poetas e escritores que retrataram a rebeldia jovem dos anos 50, rejeitando a “normalidade” do cotidiano americano comum e aderindo a uma vida sensorial não intelectualizada.

Foi essa juventude que, ganhando força principalmente por meio das artes, vai se tornando uma grande potência revolucionária na sociedade. Ainda na década de 1950, já se via o potencial desses jovens em relação a contestação quando o *rock'n'roll* apareceu como símbolo de rebeldia. A diferença entre os anos 50 e a década seguinte é de que “Ao contrário do *rock'n'roll*, criado *para* jovens por músicos mais velhos, o *rock* dos anos 60 era um tipo de música feito *por* jovens e *para* jovens”. (PEREIRA, [198-?], p. 44, grifos do autor).

A busca pela liberdade, pelo prazer e por outra realidade, diferente da cultura dominante da época, levou os adeptos da contracultura, agora denominados

*hippies*, a procurarem saídas nas religiões ocidentais e nas drogas alucinógenas. Com uma década marcada por conflitos armados, como a Guerra do Vietnã e a Guerra Fria, a filosofia do movimento *hippie* se definia como um *drop-out*, ou seja, morar em comunidades, celebrando seu slogan de “paz e amor”. Mas esse ideal utópico de revolução pacífica não duraria por muito mais tempo, especialmente depois da divulgação do movimento pela grande mídia, tornando as ideias revolucionárias “[...] subvertidas e domesticadas (docilizadas) pela tradição 'vestida' nos veículos de comunicação de massa, [...]” (SANTOS; PINTO, 2007, p. 3364)

## 2.2 Desbunde: a contracultura brasileira

No Brasil, o movimento de contracultura chega um pouco atrasado por causa do regime ditatorial instaurado no ano de 1964. Segundo Junqueira (2009), uma ramificação desse movimento só começa a ser percebida no ano de 1969, no auge da censura e repressão do governo brasileiro. A “contracultura tropical” ficou conhecida como “desbunde”.

Assim como aconteceu com o *rock* nos Estados Unidos da América, foi por meio da música que o desbunde ganhou força social. Com nomes como Caetano Veloso e Gilberto Gil, os baianos do Tropicalismo surgem com sua versão tropical de contracultura, com uma “[...] atmosfera de potencial libertador [...]” (JUNQUEIRA, 2009, p. 29), trazendo questões já conhecidas no movimento internacional – religiões orientais, *hippies*, *rock* – e acrescentando temas brasileiros – candomblé, índios, negros, jovem guarda, bossa nova.

Mas, por causa da ditadura brasileira, esse desbunde cultural foi recebido e visto de maneira extremamente negativa por parte do governo e das famílias, que chegavam a aprisionar seus adeptos, como descreve Junqueira na seguinte passagem:

Além de rejeitada como alienada pelo *establishment* contestador e de subversiva e depravada pelo *establishment* conservador, a contracultura era alvo de intensa repressão policial (na Bahia e no Rio os *hippies* eram presos sob a rubrica de vagabundagem) e familiar. São notórios os casos de internação por loucura, notória ou atribuída. A dissidência passa a ser aprisionada: sejam em celas

ou em quartos. (2009, p. 57)

### 3 ANOS 70: O FIM DAS ILUSÕES

Mas será a história da contracultura apenas a história de um sonho, de uma ilusão? E de um sonho fracassado? Seria só isso que diziam os versos de Lennon? É difícil negar que a contracultura seja a mais recente ou a última (pelo menos até agora) grande utopia radical de transformação social que se produziu no Ocidente. Mas a utopia se resume numa ilusão, num sonho? Como se move uma utopia ao longo da História? É possível afirmar que toda aquela energia, toda aquela ânsia de transformação revolucionária, que tanto marcou o Ocidente nos anos 60 e parte dos 70, simplesmente se esgotou ou não deu em nada? Foi um sonho que passou e deixou suas marcas frágeis em alguns hippies de boutique ou em festinhas elegantes, regadas com bom vinho e alguma droga da moda? Não seriam as coisas mais complicadas e a História menos cruel? (PEREIRA, [198-?], p.32)

Ao final da leitura do conto “Morangos mofados” e analisando o contexto sobre a contracultura, temos um melhor entendimento sobre a “doença” que o protagonista diz ter. De acordo com Porto (2005, p. 130), “A fala do paciente indica que há alguma 'doença' na alma que não se relaciona a nenhum estado patológico. O 'câncer', de acordo com a sugestão do personagem, origina-se de uma condição espiritual ou emocional”. Com essa afirmação, podemos entender a doença do personagem como resultado da desilusão sofrida pela frustração dos ideais contraculturais. Segundo Pereira ([198-?]), a própria cultura da época é em si uma doença, tornando o homem que se sujeita a ela uma pessoa “doente”, e a contracultura surge como uma espécie de antídoto contra esse mal. Assim, quando o personagem volta a fazer parte da vida sociocultural de que tanto sonhou em se distanciar, ele fica doente, sente o gosto constante de morangos mofados na boca que aludem a essa não realização dos projetos utópicos:

[...] Sou um publicitário bem-secedido, macio, rondado nas nuvens, o Carvalho me disse que rondando-nas-nuvens é do caralho, que achado, cara, você é um poeta, enquanto olho pra ele e não digo nada como eu mesmo já rodei nas nuvens um dia, agora tou aqui, atolado nesta bosta colorida, fodida & bem-paga. *Strawberry fields*: no meio do vômito podia distinguir aqui e ali alguns pedaços de morangos boiando, esverdeados pelo mofo. (ABREU, 2015, p. 208)

Era o fim de um sonho, como afirmaria John Lennon (que foi símbolo da



contracultura junto dos Beatles) em sua música “God” lançada em 1970.

E é com esse sentimento de desilusão, de gosto de mofo que os jovens da contracultura entram a década de 1970, lamentando sobre as coisas que poderiam ter realizado “[...] mas agora è *troppo* tarde, tudo já passou e minha vida não passa de um ontem não resolvido, bom isso. E idiota. E inútil.” (ABREU, 2015, p. 207).

Beirão (1979) vai definir os anos 70 como uma década de reflexão, de entendimento que a revolução contracultural não traria o paraíso de “paz e amor” que desejavam e que o desânimo era tamanho que a produção artística foi medíocre comparada à vontade e surto de inteligência dos anos 60.

#### 4 RECOMEÇO DOS SONHOS

Se a década de 1960 foram anos de ideais utópicos e a década seguinte de realização dessas ilusões, os anos 80 podem ser vistos como um recomeço dos sonhos, mas agora com ideais mais reais e menos idealizados. A conclusão que se chega é de que nem tudo da revolução de 60 foi um desperdício.

Na última parte do conto, o protagonista possui dois sentimentos: de um lado pessimista sobre o futuro, por outro, esperançoso quanto a possibilidade de um “começar de novo”, exemplificando a chegada da década de 1980: “Ele teve certeza. Ou claras suspeitas. Que talvez não houvesse lesões, no sentido de perder, mas acúmulos no sentido de soma? Sim sim. Transmutações e não perdas irreparáveis, [...]” (ABREU, 2015, p. 211).

Uma das características da contracultura era a do não academicismo, mas o movimento *hippie* influenciou jovens que trouxeram essa energia para dentro das universidades e fundaram o Partido Internacional da Juventude (YIP – Youth International Party). Ficaram conhecidos como *yippies*, os *hippies* politizados, que questionavam o próprio sistema universitário e os discursos proferidos dentro das instituições. (PEREIRA, [198-?]).

Outras vertentes políticas que surgem em resultado da influência desse movimento contestador, e que continuam atuais, foram o “[...] hastear das bandeiras – políticas – da ecologia, da luta pela dignidade da mulher, da batalha contra o preconceito, da proteção das minorias culturais.” (BEIRÃO, 1979, p. 67).

Segundo Junqueira (2009), esses movimentos sociais “menores” que emergem eram vistos pela política de direita com um olhar preconceituoso e pela esquerda como algo secundário a revolução. Mas após a desilusão contracultural, eles vão ganhando cada vez mais forças a partir do final de 1979.

Eram os anos 80 chegando e “já começam pelo fim da hipocrisia – o que terá certamente o poder de significar também que novos sonhos são permitidos, as ilusões estão de novo liberadas, assim como a utopia.” (BEIRÃO, 1979, p. 68). Agora, sem o gosto de morangos mofados na boca e com a esperança da frutificação de novos morangos frescos e vermelhos em meio ao cimento:

Abriu os dedos. Absolutamente calmo, absolutamente claro, absolutamente só enquanto considerava atento, observando os canteiros de cimento: será possível plantar morangos aqui? Ou se não aqui, procurar algum lugar em outro lugar? Frescos morangos vivos vermelhos.

Achava que sim.

Que sim.

Sim.

(ABREU, 2015, p. 212)

## **CONCLUSÃO**

A contracultura foi a última das grandes revoluções culturais do ocidente e

ninguém retratou-a melhor do que Caio Fernando Abreu. Em apenas um conto de dez páginas, o autor consegue sintetizar o sentimento de uma geração cuja juventude foi criada pelo *establishment* cultural do pós-guerra “doente” e, por consequência, idealizou um movimento contra esse “Mal do nosso tempo, [...]” (ABREU, 2015, p. 203). Não conseguindo manter os ideais utópicos contraculturais, esses jovens se veem desiludidos e inseridos nessa doença, onde o sintoma é a constante presença do gosto de morangos mofados na boca. Mas, após um tempo de reflexão, uma ponta de esperança volta a surgir junto à luz do sol nascente, dizendo “Sim” para esses agora adultos, que eles podem retornar a sonhar.

Não haviam mudado o mundo, não haviam conseguido mudar de fato nem suas próprias vidas. Apesar de terem feito tudo que fizeram, ainda eram os mesmos, vivendo quase como seus pais, como cantava o sucesso de Belchior na voz de Elis. Com o sabor do fracasso ardendo na boca, sabor que depois seria identificado com o sabor de morangos mofados, em mais uma imagem certa do Caio, era o momento de voltar pra casa. Recomeçar outra vez. Tantas quanto fosse necessário, e muitas seriam. (JUNQUEIRA, 2009, p. 69).

## REFERÊNCIAS

ABREU, C. F. **Morangos mofados**. 12. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BEIRÃO, N. O recomeço do sonho. **ISTOÉ**, [S.l.: s.n.], p. 66-68, 19 dez. 1979.

Disponível em:

<https://www.flickr.com/photos/fotosdotheo/6307783897/in/photostream/>;

<<https://www.flickr.com/photos/fotosdotheo/6308305614/in/photostream/>>;  
<<https://www.flickr.com/photos/fotosdotheo/6308306022/in/photostream/>>. Acesso em: 12 maio 2017.

JUNQUEIRA, M. R. **O desbunde e o depois**: Caio Fernando Abreu e a contracultura. Rio de Janeiro, 2009. 114 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <[http://www.btdt.uerj.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=9086](http://www.btdt.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=9086)>. Acesso em: 31 maio 2017.

PEREIRA, C. A. M. **O que é contracultura**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, [198-?].

PORTO, L. T. **Morangos mofados, de Caio Fernando Abreu**: fragmentação, melancolia e crítica social. Porto Alegre, 2005. 162 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/ppgletras/defesas/2005/LuanaTeixeiraPorto.pdf>>. Acesso em: 19 abril 2017.

SANTOS, A. C. N.; PINTO, S. R. Desbunde e desencanto: uma leitura de Caio Fernando Abreu. In: Encontro Latino Americano De Iniciação Científica, 11.; Encontro Latino Americano De Pós-Graduação, 7., 2007, São José dos Campos. **Anais...**, São José dos Campos: UNIVAP, 2007. p. 3363-3365. Disponível em: <[http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC\\_2007/trabalhos/artes/epg/EPG00113\\_010.pdf](http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2007/trabalhos/artes/epg/EPG00113_010.pdf)>. Acesso em: 31 maio 2017.